

27º Moto Rali Turístico do Moto Clube do Porto

26º Troféu Nacional de Moto-Ralis Turísticos BMW / Dunlop da FM



Por terras Oureanas

29 e 30 de abril de 2023



Da altaneira e milenar Vila Medieval de Ourém, um majestoso Castelo abre os braços a todos quantos a visitam, um concelho onde a história caminha de mãos dadas com a modernidade, rumo a um futuro capaz de honrar o legado patrimonial que muito honra a todos os ourenses.

Visitar Ourém é contemplar o passado, admirar o presente e acreditar no futuro. É conhecer e experimentar. É partilhar e expandir horizontes, saboreando costumes, bebendo tradições.

Este ano o **Moto Clube do Porto** elegeu este município para a realização do seu 27º Moto Rali Turístico a contar para o 26º Troféu Nacional de Moto-Ralis Turísticos 2023 BMW / Dunlop da FMP.

Para ti, o Moto Clube do Porto elaborou dois dias de boa disposição, belas paisagens, boa comida e boa companhia.

Vamos rolar sempre no Município de Ourém, por isso aproveita e desfruta o que de melhor existe neste concelho, enriquece o teu conhecimento e mantém-te sempre perspicaz e atento a tudo o que te envolve, pois podemos estar ao virar da esquina....

Aproveitamos ainda para agradecer a todos os que colaboram com esta equipa fenomenal (nós mesmos), mais em particular a:

- Município de Ourém, na pessoa de Sr. Vereador Rui Vital;
- Junta de Freguesia de Atouguia;
- Junta de Freguesia de Alburitel;
- Junta de Freguesia Nossa Senhora das Misericórdias;
- Junta de Freguesia Rio de Couros e Casal dos Bernardos;
- Junta de Freguesia de Espite;
- Junta de Freguesia de Caxarias;
- Junta de Freguesia de Freixianda, Ribeira do Fárrio e Formigais;
- Junta de Freguesia da Urqueira;
- Icel Cutelarias (Sponsor principal), Bendita;
- O Bigodes, IC1 Benedita;
- Valcop, Lda. Sabacheira;
- Espaços Sonoros, Coimbra;
- Diversos Sabores, Caldas da Rainha;

Podemos afirmar que o Município de Ourém vem de tempos longínquos, os mouros infiéis passaram por estas terras, deixando ecos de uma moura encantada.

O município de Ourém com 416,68 km² de área e cerca de 50.000 habitantes, está subdividido em 13 freguesias: Alburitel, Atouguia, Caxarias, Espite, Fátima, Freixianda, Ribeira do Fárrio e Formigais, Gondemaria e Olival, Matas e Cercal, Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora das

Misericórdias, Rio de Couros e Casal dos Bernardos, Seiça e Urqueira.



O município é limitado a norte pelo município de Pombal, a nordeste por Alvaiázere, a leste por Ferreira do Zêzere e Tomar, a sueste por Torres Novas e pela Serra de Aire, a sudoeste por Alcanena e a oeste pela Batalha e por Leiria.

Existem duas localidades no município de Ourém com a categoria de cidade: são elas Fátima e Ourém, as localidades com categoria de vila são Caxarias, Freixianda, Vilar dos Prazeres e Olival.



Contemporânea, secular, milenar, ancestral, visitar Ourém e o seu concelho é mergulhar 175 milhões de anos e emergir no Jurássico, admirando o Monumento Natural das Pegadas dos Dinossáurios da Serra de Aire e Candeeiros, onde podemos ver um importantíssimo registo fóssil de pegadas dos saurópodes, um dos maiores seres que alguma vez povoaram este planeta.

História



O concelho recebeu foral em 1180, atribuído pela infanta D. Teresa de Portugal, Condessa da Flandres, filha do rei D. Afonso Henriques e da rainha Mafalda de Saboia.

No documento de doação do eclesiástico em 1183 por D. Teresa, afirma-se que o local onde foi construído o castelo anteriormente se chamava Abdegas:

"Aprove-me fazer testamento do eclesiástico de Ourém, que antes se chamava Abdegas".

Abdegas ou Abdegos, segundo frei Bernardo de Brito, era um burgo de Portugal na Idade Média. Protegido por atalaia, estava estrategicamente situada no alto de um outeiro cerca de serra de Aire, onde cresceu sob domínio islâmico. Em 1136, foi conquistado pelo rei Afonso I.

Foi citado em 1142, no foral de Leiria, como Porto Aurém (Portum Auren), e em 1159, constando na doação à Ordem dos Templários do Castelo de Ceres (Tomar). Em 1178, o rei o cedeu a sua filha Teresa, que outorgou foral em 1183 ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, em nome do eclesiástico de Ourém. Ficou em posse da família real até o século XV.



No século XIII, sua fortificação foi reconstruída e, intramuros, sua malha urbana cresceu até à muralha, de forma elíptica.

No entanto, no foral de Leiria de 1142 a palavra Ourém (*Portus de Auren*) já era referida, pela primeira vez, como limite territorial do termo de Leiria, e parece indicar um curso de água, correspondente à ribeira de Seiça. Em 1159 na doação do Castelo de Ceras, e em 1167 num documento do Bispo de Lisboa a D. Afonso Henriques sobre uma disputa territorial com os Templários, tinha voltado a aparecer *Portus de Auren*.

A palavra Portus significava uma travessia de um rio ou ribeiro. A comparação dos documentos leva a concluir que o "Porto de Ourém" se situava entre a Sabacheira e Seiça. Por isso, é de crer que inicialmente a palavra Auren, designasse apenas a ribeira com os seus terrenos adjacentes.



Aqui viveu entre 1220 e 1266 a Santa Teresa de Ourém, nome atribuído a uma rua na cidade. A vida desta personagem está atestada pelo seu culto, mas está envolta em lendas. Apesar de ter festa anual, não integra a lista oficial de santos da Igreja Católica.

Santa Teresa de Ourém era originalmente ama de um prior muito avarento, um dia, ao ver um pobre com muito frio, deu-lhe um dos fatos velhos do prior. Este último, quando soube o que ela tinha feito, zangou-se bastante e pediu o fato que lhe pertencia de volta. Triste, Santa Teresa pediu a Deus que ajudasse em toda esta situação, e então o traje multiplicou-se em dois, sendo um devolvido ao prior, enquanto, que o outro ficou para o pobre homem que muito necessitava dele.

Como pode ser visto na imagem, ela é vulgarmente representada com uma Bíblia na mão, por razões quase óbvias, visto que pregou o evangelho, mas também com um estranho instrumento. Primeiro pensou-se que seria uma pá do pão, visto que algumas histórias dizem que ela também foi padeira (e um dia, tendo-se esquecido de pôr a massa no forno, os anjos fizeram-no por ela), mas na verdade é uma gazua antiga ou uma espécie de fechadura. Diz ainda a lenda, que a gazua serviria para Santa Teresa de Ourém visitar a prisão local, durante a noite, para ajudar os pobres, dava os seus pães a quem tinha fome, curava quem estava doente, etc.



O núcleo histórico desenvolveu-se em torno do Castelo de Ourém, que teve no tempo de D. Afonso de Bragança, 4.º Conde de Ourém, um período de grande desenvolvimento. Grandemente atingida pelo Terramoto de 1755, a cabeça do concelho mudou-se para a Vila Nova.

Foi incendiada pelo Exército Francês durante a Terceira Invasão Francesa no final de 1810, tendo sobrado, apenas, algumas casas. Em 1841 a sede do concelho, passou da zona histórica do castelo, para o vale onde se encontra atualmente, para a Vila Nova.

Desde a primeira metade do século XIX até à sua elevação a cidade em 20 de junho de 1991, era conhecida como Vila Nova de Ourém. Atualmente o seu nome oficial é apenas Ourém.



O cavaleiro templário e a bela princesa moura

Conta a lenda que o nome de Ourém surge da história de amor entre D. Gonçalo Hermingues, um cavaleiro poeta e cristão, conhecido por Traga Mouros e a bela muçulmana Fátima. Fátima era uma jovem princesa moura, filha única do emir que a tinha prometido em casamento a um seu primo o rico e poderoso Abu.

O emir, para proteger a sua filha de pretendentes indesejados, encerrou-a numa torre onde deveria permanecer, acompanhada pelas aias, até ao seu casamento com Abu.

A paixão

O cavaleiro D. Gonçalo tinha por hábito percorrer os campos cavalgando no seu belo e ágil cavalo. Numa das suas cavalgadas viu-a à janela da torre, fascinado pela sua beleza, logo procurou forma de se encontrar com ela. Durante vários dias, o cavaleiro dirigia-se à torre para ver Fátima, que logo aparecia à janela ao ouvir o relinchar do cavalo a acercar-se da torre.

Assim nasceu uma paixão entre os dois.

O rapto

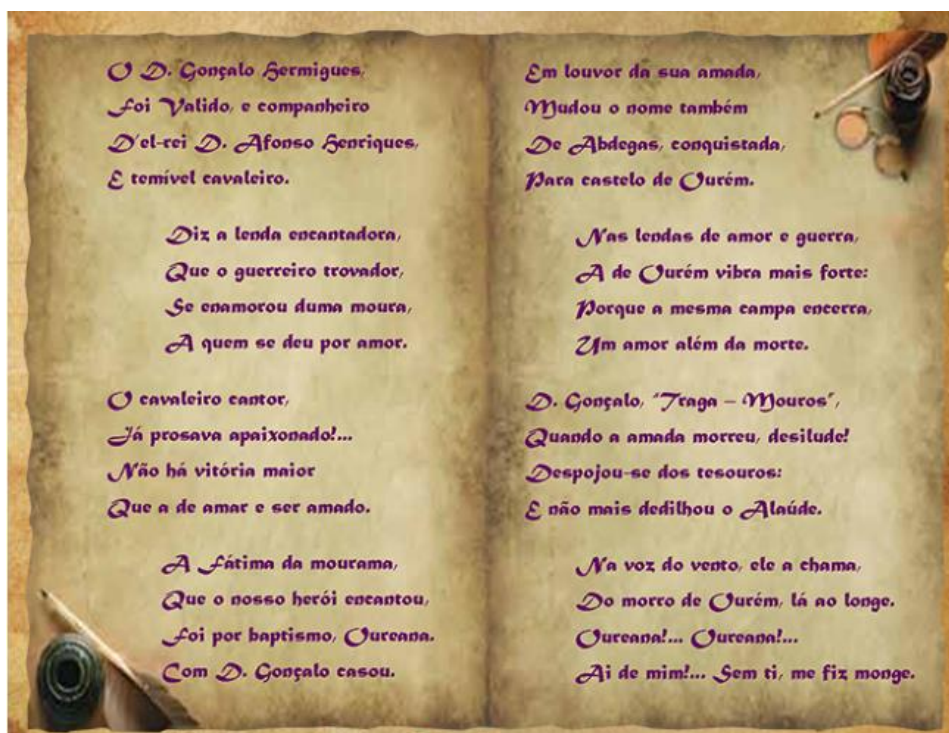
Aproximavam-se as Festas das Luzes e sabendo que a princesa iria participar no cortejo, preparou uma emboscada para raptar a sua bela amada. Abu logo que sabe do sucedido, parte em perseguição dos raptadores, que se envolvem numa luta cerrada. Dom Gonçalo, o Traga Mouros sai vitorioso com a morte de Abu e fazendo prisioneiros vários mouros.

A recompensa

Como recompensa pelos prisioneiros mouros, D. Gonçalo Hermingues pediu ao rei D. Afonso Henriques, permissão para se casar com a princesa Fátima. O rei deu o seu consentimento com a condição desta se converter ao Cristianismo.

O casamento de Oureana

Foi assim que Fátima, para casar com o seu amado cavaleiro, se converte ao cristianismo sendo batizada com o nome de Oureana.



O nome de Ourém

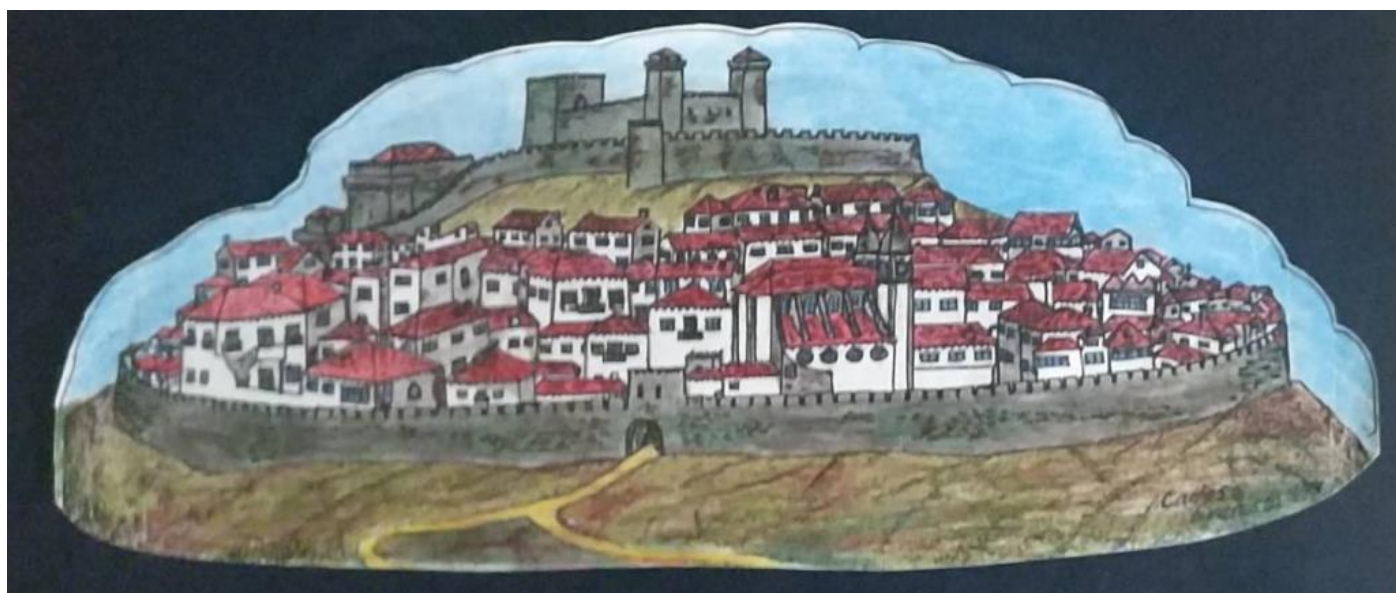
Diz a lenda que os dois jovens se instalaram definitivamente numa localidade da região onde viveram felizes durante largos anos. Esta localidade veio a chamar-se de Ourém.

Ourém foi habitada por alta nobreza, que fez do seu castelo um importante centro medieval, chegando aos dias de hoje com beleza rara e impenetrável.

Uma fonte gótica, composta por um pequeno tanque, onde sobre a bica se conservam as armas da Dinastia de Aviz e do Conde D. Afonso, deparar-nos com a Colegiada de Ourém, mandada construir por D. Afonso Henriques, após ter expulsado os mouros, reconstruída após o terramoto de 1755, em estilo barroco, constituída por uma só nave e oito capelas, a Cripta que fica situada por baixo da Igreja, manteve-se intacta ao terramoto.

Foi construída em estilo judaico, e é neste local que se encontra o túmulo de D. Afonso, IV Conde de Ourém. Este magnífico túmulo é da autoria de Diogo Pires, por ordem de D. Fernando, irmão do tumulado, que na parte superior contém imagem jacente a qual remonta ao Renascimento.

O castelo excelente exemplar do barroco Filipino, ricamente ornamentado com motivos vegetalistas, mandado construir por D. Afonso, IV Conde de Ourém, no século XV, apresenta uma arquitetura mudéjar islâmica, que terá sido construído, sobre as ruínas de uma fortificação pré-romana de estilo visigótico, aproveitada pelos mouros e depois restaurada pelos cristãos.



Ourém, renomeada a partir de Vila Nova de Ourém, é uma cidade portuguesa pertencente ao distrito de Santarém, província da Beira Litoral, na região do Centro e sub-região do Médio Tejo, em Portugal, com cerca de 12 994 habitantes. A cidade de Ourém contém duas freguesias inseridas na sua mancha urbana, Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora das Misericórdias.

Freguesia Senhora da Piedade



Nossa Senhora da Piedade é o «coração do concelho», integra a cidade-sede onde residem os serviços públicos fundamentais à dinâmica do município.

O nome primitivo da atual sede de concelho seria Pedela, depois Castela e posteriormente Aldeia da Cruz, segundo a tradição oral, fruto de uma cruz erguida a mando de D. Nuno Álvares Pereira em memória de seu irmão.

Foi elevada a freguesia em 1831, com a unificação das Aldeias da Cruz, dos Álamos e Castela, passando a sede de concelho em 1841 por Alvará de D. Maria II, com a alteração do nome para Vila Nova de Ourém.

Tamanha elevação ficaria a dever-se ao célere expansionismo do povoado para o qual contribuiu a deslocação das gentes para o sopé do monte por ocasião do terramoto de 1755, que tanto atingira a velha Ourém, ou mesmo o mercado semanal já existente desde 1734.



Ainda assim, a freguesia não escaparia ilesa às aterradoras invasões francesas, marcadas pelas tropas do General Morganou (em 1808), do Marechal Beresford em (1809) e de Mecena (na 3ª invasão). Superados os obstáculos, o progresso ganhava novo fôlego e em 1875 a vila passaria de julgado a comarca, motivando o seu preenchimento por edifícios públicos.

O título de cidade em 1991, conferia-lhe um espírito mais cosmopolita e hoje esta sede é regida pelo comércio e serviços, mas também proporciona equipamentos socioculturais e muito deleite.

Freguesia da Atouguia



Atouguia, elevada a freguesia 19 de julho de 1933, encerra um importante acervo histórico-cultural.

Os lugares de “Escandarão,” “Zambujal” e “Alveijar” sugerem presença árabe nestas paragens, a estação romana de Coinas, que se julga ter sido uma vila, digna do reconhecimento nacional e documentado por um belo painel de mosaicos incorporado pelo Museu Nacional de Arqueologia.

Referência é também a capela de S. Sebastião, posicionada no extenso vale a montante do castelo de Ourém, desconhecendo-se a data da sua fundação, a tradição oral afiança, que por ali pernoitaram as tropas de D. Nuno Álvares Pereira e D. João I a 11 de agosto de 1385, aquando da marcha para a batalha de Aljubarrota.

Segundo a memória coletiva, Zambujal foi palco do nascimento de Santa Teresa de Ourém em 1220, uma figura lendária responsável, segundo as gentes da terra, pelo cometimento de milagres em vida e após a morte, a 3 de setembro de 1266.

A cultura local, pronuncia-se ainda mais fascinante, perante as agruras dos solos calcários que desde cedo impuseram sábias estratégias de captação, armazenamento e abastecimento de água denunciadas pelas inúmeras fontes, engenhos, cisternas e cisternões, existentes na freguesia.

Economicamente Atouguia rege-se pela aposta numa indústria modernizada e diversa (transformação de madeiras, construção e obras públicas...), conciliando-a com a tradição da vinha que reveste as encostas mais soalheiras, e do azeite cuja ancestralidade é materializada por oliveiras e engenhos seculares.

Das infraestruturas sociais, passando pelas instalações desportivas, ou até pelos parques e jardins de lazer, a freguesia conta hoje com uma panóplia de incentivos ao bem-estar e dinamismo da comunidade.

Nesta freguesia existem vários pontos emblemáticos, de interesse histórico, geológico ou paisagístico, a **gruta da Lomba Gorda**, também conhecida por gruta da Alvega, uma formação geológica escondida na proximidade de campos agrícolas entre as montanhas da Serra de Aire, conhecida por alguns locais e pelos adeptos de trail, mas afastada do conhecimento geral.



Para além destas grutas e algares, que tendem a ser mais características de outras zonas da serra, o maciço calcário criou neste território uma rede de tanques e fontanários, destinados outrora ao armazenamento de água, e que hoje procuram manter-se como parques de lazer.



O **Tanque do Ferreiro**, reservatório de uma nascente de água, é um dos muitos antigos depósitos que se localiza no mesmo vale do **Poço de João Loução**. Este leva-nos a recuar no tempo, até 1816, inclui uma fonte e um tanque, usado noutros tempos para lavar roupa, foi criado para responder às necessidades de abastecimento de água das populações.

O **Parque de Lazer de Fontainhas da Serra**, está situado num imponente vale verdejante de vegetação tipicamente mediterrânica aliado a um ímpar olival milenar. O parque estende-se ao longo de uma grande extensão, sempre acompanhado pela frescura da vegetação e da água proveniente das fontes ali presentes.



Freguesia de Fátima



Freguesia fundada em 1568, após a desagregação da Colegiada de Ourém.

«Altar do Mundo» porque integra um Santuário Mariano que acolhe anualmente milhões de peregrinos do País e do Mundo. A geografia física seria transposta pela geografia humana, por sua vez continuada pela geografia religiosa a partir de 1917, data em que aquela Fátima inóspita e alimentada com o pouco extraído da pastorícia e da agricultura de sequeiro, foi palco de aparições da

Nossa Senhora a três pastorinhos.

Foi em 1917 que naquela aldeia apareceu uma mulher de branco a três crianças que pastavam ovelhas. As aparições repetir-se-iam todos os dias 13, até outubro daquele ano. Desde essa altura que Fátima é, para muitos, cidade das aparições, de devoções e de forte crença religiosa.



A dimensão do culto levou à construção de uma basílica em 1928 na Cova da Iria e desencadeou a fixação de gentes que enveredaram pelo comércio, restauração e hotelaria, em resposta às solicitações dos peregrinos. Em 1977 Fátima recebe o título de vila e em 1997 é eleita segunda cidade do concelho.

Este templo ressoa a universalidade, mas outros há mais antigos, tais como a ermida de Sta. Luzia, de 1604 e a capela de Nossa Sra. do Livramento, fundada em 1607.

Mas o nome Fátima, é muito antigo, e para conhecer a sua origem temos de recuar vários séculos e lembrar-nos da lenda que anteriormente falamos.... Remonta ao século XII, por altura da Reconquista e de D. Afonso Henriques.

(...) Gonçalo Hermingues, o "Traga-Mouros", e uma princesa moura, de nome Fátima, se apaixonaram. Uma paixão proibida naquele tempo. Numa noite de conquistas, o "Traga-Mouros" raptou a princesa, e com ela foi viver para as terras, que ficaram conhecidas como "terra de Fátima" (...).

Não menos importante, temos a Nossa Senhora da Ortiga é uma das designações atribuídas à Santíssima Virgem Maria após a aparição que ocorreu no século XVIII a uma pastorinha muda, no lugar da Ortiga, nesta freguesia de Fátima.



De acordo com a tradição, a Virgem Maria apareceu por volta do ano de 1758 – no lugar onde atualmente se ergue o Santuário de Nossa Senhora da Ortiga – a uma pastorinha que andava a guardar o seu rebanho e a quem pediu uma ovelhinha. A menina, que era muda de nascença, sentiu a sua língua soltar-se e respondeu à Senhora que não lhe daria a ovelha sem a permissão do seu pai que morava no Casal de Santa Maria.

Então, a menina foi a correr para contar ao pai o pedido da Senhora, o qual se encheu de espanto e de alegria por ver a filha conseguir falar e logo lhe ordenou, que fizesse tudo o que a Senhora pedisse. A pastorinha regressou ao local da aparição para falar à Mãe de Deus que, em resposta, lhe pediu que fosse construída uma capela naquele lugar e onde prometeu que haveria de conceder muitas graças. Tendo ido o pai da menina ao local por esta indicado, encontrou uma imagem da Virgem Maria, sobre uma pedra entre urtigas (ou ortigas), levando-a consigo para o Casal de Santa Maria, mas a imagem desapareceu dali para ser vista novamente, no local original entre as urtigas.

No local da aparição foi construída uma pequena capela em honra de Nossa Senhora, a qual, depois, foi ampliada dando lugar a um santuário.



Estendida sobre o maciço calcário estremenho, Fátima integra grutas e algares, de entre as quais sobressai a gruta do Papagaio que abrigou o homem há cerca de 6500 anos.



Durante milénios foi assim, o Fatimense adaptou os recursos naturais à satisfação das necessidades; hoje a freguesia conserva reminiscências da sua ruralidade em cisternas, moinhos de vento e mais elementos da arquitetura feita de pedra e cal.

Freguesia Nossa Senhora das Misericórdias



Em 1989 esta freguesia começou a designar-se Nossa Senhora das Misericórdias, partilha a sede do concelho com a de Nossa Senhora da Piedade e representa a génese histórica do concelho, afinal, ali repousa o Castelo de Ourém.

Tomada aos mouros em 1136 por D. Afonso Henriques, Ourém passa a fazer parte do domínio cristão e em 1180 recebe de D. Teresa a primeira carta de foral.

D. Afonso foi o grande obreiro da atual sede de freguesia – fundou o Paço Senhorial, os Torreões Sul, a Fonte Gótica, a Igreja Colegiada e Cripta e recuperou o castelo medieval.

Sucedem-lhe tempos menos áureos com o terramoto de 1755, responsável pela destruição do burgo. A pouco e pouco a área envolvente ao castelo refez-se e hoje assume uma dinâmica invejável.

A freguesia é feita também da insigne paisagem cársica de corpo calcário e floresta mediterrânica, de muros de pedra solta, moinhos de vento, cisternas, fornos de cal e muitas casas em pedra que rematam a simbiose entre o homem e o meio. Os saberes-fazeres da tecelagem e até da gastronomia popular podem ser aqui saboreados.

Imponentes e dignas de reparo são ainda as quintas e os templos religiosos, como a ermida de Nossa Sra. da Conceição (século XVII), a capela de Santo Amaro (século XVII), a capela de Vilar dos Prazeres (século XVI) e a capela da Melroeira, erguida em 1627.

Desta freguesia faz parte o Monumento Natural das Pegadas dos Dinossáurios da Serra de Aire.



Em 2 de julho de 1994, Ricardo Matos da Silva, João Pedro Falcão e João Carvalho, descobriram as pegadas que viriam a transformar a Pedreira do Galinha num monumento. O monumento é aberto ao público em 1 de março de 1997 e no mesmo ano é fundado o primeiro circuito autónomo de visita e de interpretação da jazida.

Em 2002, é criado o Jardim Jurássico que tem o objetivo mostrar aos visitantes, plantas atuais de grupos botânicos característicos no Mesozóico, a "Era dos Dinossáurios" e o Aramossáurio. O parque possui ainda uma área de animação, um Centro de Animação Ambiental, um parque de merendas, um grande painel ilustrativo da evolução da vida na Terra ao longo do tempo geológico.

Dos 20 trilhos existentes, os maiores e os mais antigos trilhos de saurópodes de que há conhecimento (175 milhões de anos) mas também, dos mais bem conservados, sendo compostos por mais de 1000 pegadas.



Freguesia de Alburitel



Alburitel alcançou a autonomia como freguesia em 1928 por desanexação a Seiça.

A sua localização privilegiada entre a Serra d'Aire e o Vale do Azurrague, as encostas soalheiras propícias à agricultura, em especial à cultura da vinha e da oliveira, a passagem pela zona da estrada romana que ligava Santarém a Conímbriga, tornavam o território do que é hoje a freguesia, muito atrativo ao estabelecimento da população.

O próprio nome da localidade, que se pressupõe de origem árabe, é também um indício forte da presença humana na região. Outra prova da antiguidade e da importância histórica da localidade é a existência de dois templos cristãos com mais de 400 anos, nomeadamente a capela de São Salvador nos Toucinhos, erigida em 1592, e a ermida de Nossa Senhora da Ajuda, fundada em 1604.

Alburitel é célebre pelas acolhedoras casas comerciais de petiscos ali concentradas, que abrem o apetite a quem passa.



O “**Baloio do Talegre**” é um baloiço panorâmico sustentável, construído com recursos naturais da Serra do Alburitel, o que começou como um projeto de 3 amigos transformou-se num ativo turístico interessante que mobilizou a comunidade de Ourém.

Freguesia Freixianda, Ribeira do Fárrio e Formigais



Posicionada na margem direita do Nabão, Freixianda evoca um percurso tão antigo quanto imenso. Ao vasto acervo de vestígios arqueológicos distribuídos pela freguesia (Casais da Matinha, Cabeço de Maria Candal etc...) e de cronologia vária, junta-se a tradição oral que atesta a passagem por ali de D. Afonso Henriques com o seu exército em 1147, servindo-se de uma via medieval que ligava Santarém a Coimbra.

A historicidade da Freixianda é reforçada por um documento de 1179 que faz referência à então “Freixineta,” um nome de origem latina que já havia resultado da evolução de “Fraixinum”, quiçá por ali pulularem freixos.

A vertente religiosa, que desde cedo marcou os destinos da freguesia; em 1304 nascia a igreja das Freixedas com o Clérigo Domingos Pires, sendo incorporada na Colegiada de Ourém em 1445; em 1567 a freguesia recebia o título de Vigararia perpétua por carta do Cardeal D. Henrique e é sabido que no princípio do século XVII já integrava cerca de uma dúzia de capelas.

Hoje os templos de culto continuam dignos de visita, nomeadamente a secular capela de Santa Marta, no Arneiro, a capela da Perucha, ou a igreja matriz em honra de Nossa Sra. da Purificação, dotada de três naves de capela-mor abobada.

A dimensão histórica e a dinâmica socioeconómica registada nos últimos anos, viriam a argumentar a elevação da Freixianda à condição de vila em 1995.



Com fundação no séc. XVII, a freguesia de Formigais seria integrada em 1712 na Comenda da Sabacheira, e somente no séc. XIX deixaria o concelho de Tomar, para se unir ao município de Ourém.

Também nesse século, mais especificamente a partir de 1864, registar-se-ia por essas terras um considerável aumento demográfico, que só viria a conhecer um abrandamento e até mesmo decréscimo a partir de 1960, em virtude do pesado

movimento migratório. Viria então a firmar-se um modelo de vida que não era possível atingir nessa freguesia rural, cujos solos acolhiam sobretudo o milho, a vinha e a oliveira.

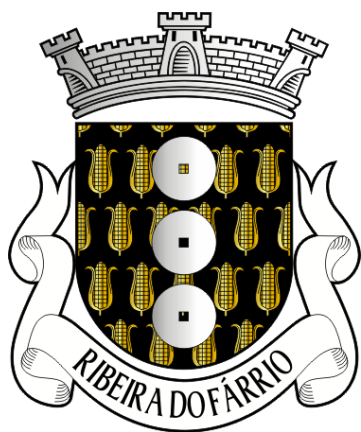
Até lá muitas gerações, souberam viver em harmonia com um local isolado entre abruptas escarpas calcárias e banhado pelo rio Nabão. A ocupação humana remonta a tempos pré-históricos, conforme testemunham as estações arqueológicas do Agroal, do Porto Velho, ou mesmo da Palmaria. E da história religiosa ressalta a ermida de S. Vicente, edificada em 1755.

Mas o maior apanágio da freguesia reside no majestoso «santuário natural» engrandecido pela biodiversidade que o caracteriza e pela nascente do Agroal afamada pelas suas águas frias, termais e com propriedades curativas, atestam-no as gentes que há muito ali se deslocam para tratar os males de pele.



Hoje o Agroal inscreve-se num cenário de turismo ambiental e rural, cujas paisagens naturais e humanizadas fazem as delícias do visitante.

Formigais não se confina à natureza, à ancestralidade e à emigração. Exprime sobretudo uma dinâmica movida por ideais apegados ao progresso e à identidade. Mesmo em número escasso, os habitantes investem em diversos sectores económicos e a freguesia compõe-se à medida dos meios e prioridades.



Freguesia mais jovem do concelho!, criada em 1989 por desanexação da Freixianda, a freguesia da Ribeira do Fárrio fica situada no extremo norte do concelho de Ourém, confinando com o concelho de Pombal. A sua elevação foi merecida e derivada de uma conjugação de recursos naturais, económicos e socioculturais apostada no progresso.

A essência fecunda de Ribeira do Fárrio é atestada por este e mais nomes como Vale da Meda, Mata do Fárrio, Ruge-Água, Figueirinhas que pronunciam uma povoação irrigada e favorecida pelos terrenos férteis.

TamANHos atributos constituiriam há muito, fatores decisivos para a prática de uma agricultura de regadio, com particular destaque para o milho, cuja representatividade seria materializada pelos moinhos de ribeira e mais recentemente pelo brasão da freguesia. A tradição oral refere que as proximidades das ditas margens seriam ainda espaços privilegiados de fixação populacional.

Mudaram os tempos e as aspirações também, nas últimas décadas os proventos da terra deixaram de bastar para a realização dos habitantes, e eis que surgiram alternativas como a migração, a indústria e o comércio.

Hoje os campos permanecem cultivados, salvaguardando a feição rural da freguesia, complementada por iniciativas industriais a exemplo da construção civil e da transformação de madeira.

O património edificado faz-se representar pela Quinta do Fárrio acompanhada por uma capela erguida em 1600, em honra a Santo António, apresentando-se o interior preenchido por sepulturas e inscrições que escrevem história.

Freguesia de Rio de Couros e Casal dos Bernardos



Rio de Couros, porque segundo tradição oral, ali terão funcionado oficinas de curtumes!

“Será utilíssimo que esta freguesia se divida, para que assim os fregueses dela sejam melhor servidos no essencial...”

Argumento usado por D. Álvaro de Alanches, Bispo de Leiria, para a criação da freguesia em 1728/1729 por divisão da Freixianda. Pousada no vale superior do Nabão e percorrida por vários afluentes, a freguesia goza de um historial louvável.

Recuando no tempo:

A fertilidade dos campos «conquistou» os romanos que ali ergueram uma povoação cujos vestígios (pedras tumulares e sarcófago) merecem reconhecimento científico, ali terá existido a vila romana de Rouquel.

D. Dinis ordenou ali a criação de uma feira franca, antes de 1325, sendo esta confirmada em 1367 por D. Fernando.

Foi nomeado para Curato de apresentação da Colegiada de Ourém. Já no séc. XX, durante os anos 40 e 50 o lugar da Fonte da Moura foi palco da exploração de minas de carvão, acolhendo mais de cem trabalhadores. Durante gerações as várias cerâmicas de tradição familiar também garantiram o sustento de muitos.

As estas práticas sucederam as fábricas de móveis, as oficinas de automóveis e a construção civil, que se têm prestado a criar postos de trabalho e a promover o aumento demográfico.

Porque as lendas dominam este concelho, também representam identidade, a padroeira Nossa Sra. da Natividade outrora Nossa Sra. de Rio de Couros

“No dia 4 de agosto de 1578, ficou prisioneiro dos mouros, Gaspar Moreira, Moço de Câmara de El-Rei Dom Sebastião, Filho de Pedro Alves Bandeira, 4º Neto do Grande Gonçalo Pires Bandeira, era natural de Arcos de Valdevez, Nossa Senhora da Natividade, que se venera nesta igreja, livrou-o da prisão e cativoiro”.

Esta descrição consta num painel de azulejos existente na escadaria que dá acesso à Igreja Paroquial de Rio de Couros, reproduzindo uma antiga gravura que outrora existiu na sacristia da antiga igreja que, entretanto, foi demolida, dela atualmente não restando mais do que a torre sineira.



Plantada numa colina a noroeste da Freixianda, da qual se desmembrou em 1964, Casal dos Bernardos a avaliar pelo nome “*Bernardos*” (nome do Santo que fundou a Ordem de Cister), complementado pelo imaginário coletivo, sugere ocupação cisterciense.

Freguesia muito regada, sendo que em tempos mais remotos, por altura da ocupação romana, reunia as condições mineralógicas necessárias à exploração de um considerável ferraria, cujos vestígios arqueológicos, podem ser ainda hoje visitados no lugar de Casais Galegos.

De facto, as ribeiras e os córregos, foram durante gerações, o alento da economia local, responsabilizando-se pela dominância de uma agricultura de regadio e pelo alimento dos muitos moinhos de rodízio, que hoje anseiam por serviço e visitas – o nome “*Casal dos Moleiros*” só vem a reforçar a consistência da cultura cerealífera.

Sendo magro o sustento destas gentes, a e/migração viria a tomar conta do destino de muitas famílias, sobretudo da década de 60 em diante. Se por um lado este movimento despontou temporariamente o êxodo, por outro lado, os regressos trouxeram ambiciosos projetos e investimentos económicos que viabilizaram o incremento da economia local, na qual se destacaria o sector construção civil.

Mas as terras continuam a dar frutos, como provam as extensas várzeas cultivadas, ou a silvicultura que ocupa cerca de 60% da área da freguesia.

Freguesia de Urqueira



Com origem latina o nome de Urqueira evoca uma viagem a períodos muito anteriores à fundação da História, talvez mesmo a uma civilização megalítica.

A Carta de Couto passada por D. Afonso Henriques em 1172 ao Mosteiro de Santa Maria de Tomarães faz mesmo referência a uma “mamoia” em Urqueira – *“Vadit ad mamoniā vertente acqua quando vadit ad orcariam”*.

Reconhecida pela sua dotação arqueológica, acusada por uma importante oficina de talhe pré-histórica, e a um tempo mais recente, por povoados romanos.

Pronunciados são também os fitotopónimos Casal da Relva, Amieira, Mata... que remarcam a qualidade fértil e regada das terras. Perante tamanhos atributos, no reinado de D. Afonso Henriques dá-se a primeira tentativa de povoamento em “Orqueira”, outorgando-se em 1180 uma carta de povoação. Esta iniciativa é reforçada em 1299 por D. Dinis, que entrega um lugar para povoar a Martim Lourenço da Cerveira, o principal fundador deste lugar.

A freguesia, porém, viria a nascer apenas em 1928, por desanexação de Olival e a paróquia surgiria em 1940. Mas o povo, de tradição espirituosa, já há muito cumpria os preceitos religiosos.

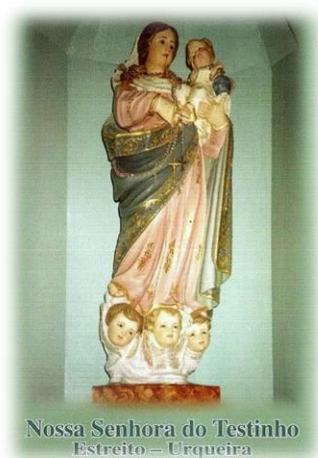
Nos lugares de Urqueira e Resouro terão sido edificadas duas capelas no séc. XVII, ambas suplantadas por outras mais recentes. Persistência assume uma capela fundada em 1687 no Estreito, em honra de Nossa Sra. do Testinho, sob promessa do Conde de Castelo Melhor, que no local ficara a salvo de uma perseguição.



Diz a lenda que este conde, Primeiro-Ministro de D. Afonso VI, foi deposto do seu cargo e ainda foi perseguido logo após D. Pedro ter roubado ao irmão, D. Afonso VI, não apenas o trono, mas também a mulher, Maria Francisca de Saboia. É durante a sua fuga pelos campos que passa pelo Estreito, uma terra na altura rodeada por vastos pinhais. Neste lugar é acolhido por um habitante da terra, de nome Manuel Dias.

Será na casa deste homem do Estreito que o Conde se refugiou durante várias semanas enquanto era procurado por vários cavaleiros a mando dos apoiantes de D. Pedro II e de sua esposa D. Maria Francisca.

Saindo daquele esconderijo após os cavaleiros terem ido embora, o Conde declara ter sido salvo por milagre da Nossa Senhora do Testinho, cuja imagem mantinha sempre pendurada ao pescoço. Nesse mesmo momento declara também que logo que lhe seja possível, mandará construir naquele lugar uma capela em honra da sua salvadora e como homenagem a quem o tinha acolhido.



Assim, em 1687, o Conde de Castelo Melhor cumpre a sua promessa, mandando edificar a Capela no Estreito em honra de Nossa Senhora do Testinho. Aí mandou colocar um letreiro em latim, que traduzido diz mais ou menos isto: *“No ano de 1687, Luís de Vasconcelos e Sousa, conde de Castelo Melhor, mandou que esta ermida fosse erguida aqui, onde durante muitas semanas tinha estado em segurança nas suas aflições, sob a singular proteção da Santíssima Virgem, da invocação do Testinho”*.

Freguesia de Espite



De origem latino-visigótica, Espite já aparece documentado no séc. XII e a paróquia em 1211, freguesia desde 1855, após a desagregação do concelho de Pombal, Espite exhibe um percurso histórico preenchido e um misto de lendas e topónimos que aguçam a curiosidade.

A ocupação local remonta pelo menos ao Calcolítico. Mas a etapa mais emblemática é a romana, com a vila de Arrochela face à magnitude dos materiais (alicerces, cerâmicas, pesos de tear, restos de forjas, colunas...). À extinção da povoação, associa-se a lenda de que por castigo da antropofagia ali praticada, a vila afundara-se de um sopro na terra.

Sobre o local de Vale da Diana conta-se que ali fora erigido um templo à deusa Diana. O lugar de Freiria, esse, segundo a tradição oral, integrou um hospital para acolher passantes e tratar doentes, e um convento.

A herança material é convidativa: prova-o a estatuária com a imagem de S. Paulo (séc. XVI), resguardada na respetiva ermida fundada no séc. XVII, ou ainda a insigne imagem de S. Tiago (séc. XVI), que terá sido encontrada por um lavrador quando arava a terra, supondo-se a existência de uma antiga capela em sua honra.

Mais se refere que os Templários deixaram marcas da sua passagem por Espite com a fundação da Igreja de S. João Baptista, hoje patrono da freguesia.

Os declives e a natureza argilosa dos solos promovem o cultivo da vinha, geralmente da qualidade Fernão Pires, sendo o vinho produzido muito aromático.



Espite Aventura - Associação do Conhecimento de Espite, é uma associação sem fins lucrativos, com o objetivo de organizar atividades turísticas e recreativas, as suas iniciativas recreativas e lúdicas, tem por prioridade dar a conhecer as suas paisagens caminhos e trilhos existentes, promovendo a interação com a natureza sem afetar a mesma, nem desassossegando as populações residentes na zona, proporcionando um convívio saudável preservando os interesses sociais.

Nasce através de um grupo de amigos que à nove anos atrás, resolveu organizar um passeio de jipes e motos, que por sinal foi um grande sucesso na região. Estes valores moralizaram o grupo e, a partir daí, foi sempre a crescer, todos os anos seguintes continuámos a organizar o passeio, que começou a ser famoso nesta zona, estando já na sua oitava edição. Um evento que anualmente reúne mais de duas centenas de intervenientes entre jipes e motos.

Em 2017 e 2018, a Associação associou-se à organização do Campeonato Nacional de Trial 4X4. Este foi um grande desafio para os membros do "Espite Aventura" e de toda a região, mas com o apoio de todos conseguimos superar este desafio. No ano seguinte, surgiu a hipótese de fazer-se algo diferente e assim foi, organizamos o evento Challenge Ibérico Super Extreme Trail 4x4, que também foi um sucesso.

Freguesia de Caxarias



A história é enaltecida em 1172 e 1178 quando D. Afonso Henriques doa propriedades a Frei Gonçalo Ermingues e à Igreja de Santa Maria de Tomaréis, nascia assim um convento cisterciense sob a proteção do Couto de Alcobaça. Caxarias passava a beber uma aculturação com os «monges agricultores» que ali firmaram influências francesas e de mais países europeus.

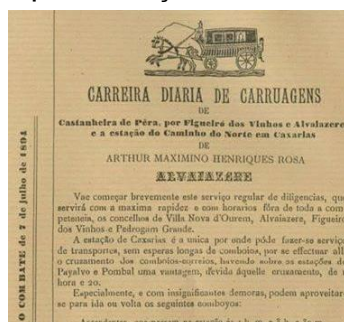
Mencionada num documento datado de 1478, sob a forma de “Aldeia de Cacheyrias”, onde faz referência a um mosteiro que aqui teria existido, a Abadia dos Tomaréis, à qual D. Afonso Henriques, entregou carta de couto em março de 1172, que após ter sofrido várias vicissitudes, como expulsões de cónegos, abusos reais e decadência, veio a ser extinta em 1555.

As escavações arqueológicas, realizadas em Casais de Abadia, desvendaram vestígios que sugerem uma ligação entre o edifício e o dito convento, para além de uma ocupação que remonta ao neolítico, época romana, medieval e moderna, ancorando por fim no período contemporâneo.

Durante séculos Caxarias regeu-se pela ligação do povo ao trabalho da terra, ou não fosse banhada por 3 rios e salpicada por prodigiosas nascentes. A fertilidade dos solos, atraiu gentes e vigor, foi palco de migrações de rebanhos oriundos da Serra da Estrela, que no Inverno se refugiavam nestas pastagens e de muitos engenhos, sendo que, já em 1758 laboravam nas ribeiras 12 moinhos e 8 pisões.

Segundo estudos etimológicos, o lugar de Caxarias é um derivado de “Caxaria”, que por sua vez provém do português arcaico, significando *“terreno onde há carvalhos”*.

Capela de Santo António, datada de 1645, é um templo de nave única, com teto de três planos e pavimento em tijoleira. O seu arco triunfal pleno com pilastras e arco marcado por molduras e impostas salientes, a capela-mor apresenta um teto em falsa abóbada, pintada em azul numa representação do firmamento celeste.



Fonte das Carruagens remonta a 1887, paragem obrigatória, no percurso das carruagens entre Castanheira de Pêra e a estação de Caxarias. (curiosidade o percurso teria uma duração aproximadamente 7:30h).

Estação Ferroviária de Caxarias abriu à exploração no dia 22 de maio de 1864, pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses, o nome anteriormente grafado como "Cacharias"

Tijomel – Firma de Exploração das Indústrias de Cerâmicas fundada em 1941 que fechou portas em 1992, durante a sua atividade foi um exemplo industrial e social, para o concelho e para todo país.

Foi considerada um “modelo social” pelas boas iniciativas que praticava; revolucionária no trabalho que fez, tendo algumas patentes nacionais de produtos inovadores e chegando até a representar Portugal em feiras internacionais de indústria cerâmica.

Considerada um dos expoentes máximos do património industrial de Ourém, Júlio Redol criou cantina, balneários, sala de aulas e biblioteca para os trabalhadores e organizava colónias de férias para os filhos dos colaboradores.

No recinto da fábrica, havia também sessões semanais de cinema, onde passavam, sobretudo, filmes de cariz cultural e documentários, barbeiro e dormitório para os motoristas e, em determinado momento, uma cooperativa.

A sua obra foi construída lado a lado com alguns dos grandes artistas, designers e engenheiros da época.



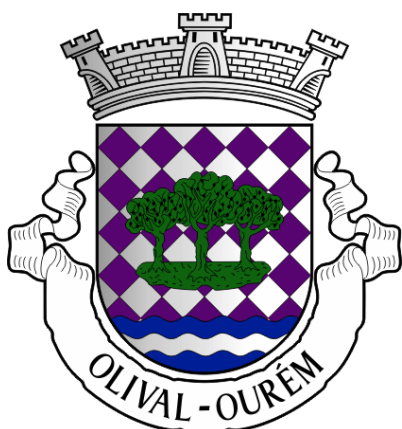
Freguesia de Gondemaria e Olival



Elevada a freguesia em 1928 e a paróquia em 1940, Gondemaria exprime antiguidade no seu povoamento, confirmada por estações arqueológicas datadas nomeadamente do período romano. Supõe-se que o nome de Gondemaria seja de origem visigótica – “*Gunth-mar-ia*”.

No campo religioso a primeira capela foi erigida em 1603, ao que passaria a desempenhar o papel de igreja paroquial até à inauguração da recente igreja matriz, em devoção a Nossa Sra. da Graça.

Dedicada aos trabalhos agrícolas, não se lhe pode negar o entusiasmo ancestral com o cultivo da vinha, nas favoráveis encostas de que goza e a sequente produção do afamado vinho mediante preceitos tradicionais, paragem indiscutível, numa rota da vinha e do vinho.



Nome de origem latino-visigótica sugere fecundidade!

De facto os vales férteis, os cursos de água e os montes soalheiros de Olival, convidaram desde cedo à ocupação humana. Das mais antigas às mais recentes, passaram por aqui gentes dos diversos períodos da arqueologia.

A vila romana, as estações pré-históricas de Paiveira, Cabeço de Óbidos e Casais dos Montes.

A história é antiga (denuncia-o o foral de 1178 que já fazia referência a Olival) e preenchida por episódios e monumentos emblemáticos – são eles a antiga igreja matriz fundada entre 1210 e 1211, associando-se-lhe um auto de inquirição de 1233 guardado no arquivo da catedral de Zamora; uma Albergaria fundada em 1323 por Martim Anes Bocifal; e a Capela da Conceição, que se julga erguida por Diogo da Praça no Séc. XV.

Terra de gente com fé, em 1586 a paróquia de Olival já era formada e hoje concilia o culto com o usufruto cultural.

As margens ribeirinhas são repositórios de moinhos elucidativos da cultura cerealífera local, uns desativados, outros persistem acesos na memória. Se há décadas a agricultura impediu os movimentos migratórios, atualmente Olival é uma freguesia refeita pela indústria, prevalecendo os sectores da cerâmica e das madeiras. A modernização económica tem sabido coadunar-se com as

resistências estampadas nas casas rústicas da Aldeia Nova, ou nas quintas brasonadas e casas solarengas como as quintas da Serrana, da Mossomodita, da Granja, da Esperança e do Montalto. Se bebe poesia não passe alheio à antiga casa do Poeta Acácio de Paiva, também conhecida como Casa das Conchas.

Todo o trabalho gráfico, foi impresso
com o apoio extraordinário.

O nosso muito obrigado!

